

O impacto da terapia assistida por animais como método complementar no cuidado de pacientes oncológicos*The impact of animal-assisted therapy as a complementary method in the care of oncology patients***Resumo**

A Terapia Assistida por Animais (TAA) destaca-se como uma abordagem promissora na saúde dos indivíduos, promovendo calma, conforto e bem-estar. Este estudo, de caráter exploratório-descritivo e com abordagem qualitativa, teve como objetivo investigar os efeitos da TAA em pacientes internados na ala de oncologia de um hospital de grande porte localizado na Serra Catarinense. A pesquisa envolveu dez adultos previamente autorizados pelo corpo clínico hospitalar e pelo Serviço de Controle de Infecção Hospitalar (SCIH). A coleta de dados foi organizada em cinco etapas: levantamento do histórico clínico dos pacientes autorizados; apresentação do projeto e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); interação com o cão de serviço; entrevistas semiestruturadas gravadas em áudio; e, por fim, transcrição e análise qualitativa dos dados. Os resultados indicaram que a presença do cão terapeuta ofereceu momentos de distração e alívio, suavizando a tensão emocional dos pacientes e de seus familiares durante a hospitalização. A análise qualitativa dos relatos coletados mostrou que a maioria dos entrevistados manifestou sentimentos positivos, como alegria, conforto e motivação, e avaliou a interação com o cão como um fator essencial para tornar o ambiente hospitalar mais humanizado. Entretanto, o estudo também ressaltou a necessidade de critérios rigorosos para a seleção de pacientes e animais que participassem da terapia. Considerando os benefícios observados, o estudo reforçou a importância de políticas públicas e pesquisas adicionais que incentivem a adoção da TAA em hospitais, especialmente no apoio a pacientes em tratamento oncológico.

Palavras-chave: Terapia Assistida por Animais. Oncologia. Enfermagem.

Abstract

Animal-Assisted Therapy (AAT) stands out as a promising approach in individual health, promoting calm, comfort, and well-being. This exploratory-descriptive study with a qualitative approach aimed to investigate the effects of AAT on patients admitted to the oncology ward of a large hospital located in the Serra Catarinense region. The research involved ten adult participants who had previously received authorization from the hospital's clinical staff and the Hospital Infection Control Service (SCIH). Data collection was organized into five stages: gathering the clinical history of authorized patients; presentation of the project and signing of the Informed Consent Form (ICF); interaction with the service dog; audio-recorded semi-structured interviews; and, finally, transcription and qualitative analysis of the data. The results indicated that the presence of the therapy dog provided moments of distraction and relief, easing the emotional tension of patients and their families during hospitalization. The qualitative analysis of the collected accounts showed that most respondents expressed positive feelings, such as joy, comfort, and motivation, and evaluated the interaction with the dog as an essential factor in making the hospital environment more humane. However, the study also highlighted the need for strict criteria in selecting both patients and animals participating in the therapy. Considering the observed benefits, the study reinforced the importance of public policies and additional research to encourage the adoption of AAT in hospitals, especially to support patients undergoing oncological treatment.

Key words: Animal-Assisted Therapy. Oncology. Nursing.

1 Introdução

A Terapia Assistida por Animais (TAA), é uma abordagem que envolve interações entre seres humanos e animais com o objetivo de proporcionar melhorias motivacionais, educacionais e/ou recreativas. Para esta atividade, os animais são envolvidos em atividades específicas destinadas a aprimorar o bem-estar físico, emocional e social das pessoas participantes (International Association of Human-Animal Interaction Organizations, 2018; Nepps; Stewart; Bruckno, 2014).

A presença de cães terapeutas têm demonstrado ser capaz de proporcionar evoluções na saúde emocional para pacientes oncológicos. Estudos como os de Cotoc; An; KlonoffCohen (2019) e Chubak *et al.* (2017), evidenciam que após a interação com

os cães, houve uma redução no sofrimento experimentado pelos pacientes, caracterizado pela diminuição da preocupação, cansaço, medo, tristeza e dor. Além disso, pesquisas como de Pinto *et al.* (2021), destacam que os cães terapeutas também podem contribuir para a melhora do humor e da qualidade de vida desses pacientes.

Os desafios psicológicos enfrentados por pacientes oncológicos são diversos e complexos. Ansiedade, medo, depressão, estresse, isolamento social, preocupações com o futuro, questões de autoimagem e autoestima são algumas das demandas emocionais que enfrentam durante o processo da doença. O emprego de terapias alternativas no cuidado emerge como uma abordagem promissora, visando desenvolver estratégias que tornem essa jornada menos traumática para os pacientes (Bussotti *et al.*, 2005). A equipe de multiprofissionais está empenhada em encontrar intervenções que não só reduzam o estresse associado à internação hospitalar, mas também facilitem o processo de tratamento do câncer.

Diante desse cenário, surge a necessidade de um maior número de pesquisas direcionadas para avaliar a eficácia das Terapias Assistidas por Animais na promoção do bem-estar e na melhora da qualidade de vida dos pacientes oncológicos hospitalizados. Além disso, deseja-se investigar como essas intervenções podem impactar positivamente as percepções dos pacientes sobre o ambiente hospitalar, que muitas vezes estão associadas a níveis elevados de estresse e ansiedade.

2 Metodologia

A pesquisa, apreciada e aprovada pelo comitê de ética em pesquisa, Certificado de Aprovação de Apreciação Ética (CAAE) nº 81617024700005368, apresentou uma investigação exploratória descritiva, com abordagem qualitativa. A intervenção ocorreu em um hospital público de grande porte localizado na Serra Catarinense, na ala de oncologia. A amostra foi composta por 10 adultos com idade inicial de 39 anos e final de 79 anos, atribui-se que os pacientes deviam ser maiores de idade e não se restringiu a idade máxima para participação.

Os sujeitos de pesquisa foram selecionados conforme liberação do corpo clínico hospitalar e também necessitavam contar com a liberação do Serviço de Controle de Infecção Hospitalar (SCIH). Adicionalmente, fossem capazes de se comunicar verbalmente de forma clara com os pesquisadores. Com isso, foram excluídos da participação, pacientes com fobia por animais, que apresentavam

imunocomprometimento, esplenectomizados, neutropênicos, alergias e problemas respiratórios. Também se excluiu aqueles que apresentaram dificuldades cognitivas significativas que pudessem impedir a compreensão completa dos objetivos do estudo ou a interação adequada com o entrevistador e o cão. Em relação ao animal utilizado para realização das terapias, tratou-se de cão de serviço da raça American Staffordshire Terrier, fêmea, 04 anos de idade, 32 kg, que possui certificação de adestramento avançado, e sua tutora tem autorização para conduzir as intervenções. O animal também possui certificação em Intervenção Assistida por Animais e atua desenvolvendo trabalhos semelhantes em outras instituições da região.

Salienta-se que os cães utilizados em terapias devem passar por avaliação veterinária regularmente e apresentar atestado de saúde; serem submetidos a tratamento antiparasitário em intervalos regulares, de acordo com orientações do médico veterinário; possuir temperamento dócil; tomar banho dentro de 24 horas antes das visitas e estar com o pelo devidamente tosado; não ter contato com outros animais de rua; além de serem avaliados, aprovados e autorizados pela Comissão de Controle de Infecção Hospitalar para participarem das atividades (Kobayashi, 2019).

A coleta de dados foi dividida em cinco etapas. A primeira fase foi o levantamento do histórico clínico, que ocorreu antes da intervenção. Para assegurar a confidencialidade e a privacidade dos dados, cada paciente foi representado por um número único de 1 a 10.

No segundo momento, houve a apresentação do projeto aos participantes, esclarecimento de eventuais dúvidas, bem como colhida a assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE daqueles que tiveram interesse em participar do estudo.

Na terceira etapa, ocorreu a interação planejada com o cão. A atividade contou com a supervisão da condutora, nos leitos dos pacientes previamente selecionados. As sessões de interação tiveram uma duração pré-determinada de 15 minutos, podendo ser ajustada conforme necessário para atender às necessidades individuais de cada paciente ou para interromper a sessão em caso de desconforto.

A quarta fase metodológica consistiu na entrevista semiestruturada pós-intervenção com cada paciente, a entrevista foi gravada utilizando um dispositivo eletrônico para garantir a precisão na captura das respostas. O roteiro da entrevista foi elaborado pelos autores, com perguntas abertas e fechadas, contendo o perfil de gênero,

idade, tópicos relacionados à experiência do paciente durante a intervenção, seus sentimentos, percepções e eventuais mudanças observadas após a atividade.

Por fim, na última etapa, as entrevistas gravadas foram transcritas na íntegra, garantindo a fidelidade às respostas dos participantes. Para a análise foi utilizado o método proposto por Bardin (2011), com a análise do conteúdo dos dados para identificar padrões e tendências relacionados aos efeitos da intervenção.

3 Resultados

Em relação ao sexo dos entrevistados, uma pessoa era do sexo feminino (10%) e 09 (90%) eram do sexo masculino, sem que nenhum entrevistado tenha se absterido de informar o sexo. Essa distribuição ocorreu devido aos critérios de inclusão previamente estabelecidos e ao fato de que, no dia escolhido para a aplicação da pesquisa, quase a totalidade dos pacientes internados aptos a participar era composta por homens.

A maioria dos entrevistados possuía animais de estimação, totalizando 8 (80%). Entre eles, 6 pessoas tinham apenas cães (75%), 1 pessoa tinha apenas um gato (12,5%) e 1 pessoa tinha um cão e um gato (12,5%). Para Irvine e Cilia (2016), embora alguns vejam os animais como substitutos para relações humanas “ausentes” ou como membros secundários, há uma nova perspectiva que reconhece as famílias como “mais-do-que humanas”. Esta visão argumenta que a convivência e a interação com animais de estimação e outros seres não humanos já fazem parte do conceito de família.

As relações entre humanos têm se intensificado cada vez mais. Para Banfi *et al.* (2023), alguns animais são também percebidos como membros da família, muitas vezes comparados a filhos. A presença de um animal de estimação traz benefícios em diversas situações. Segundo Fuchs (1987), ter um animal em casa proporciona companhia, promove interação por meio do cuidado e contato físico, oferece segurança e encoraja a atividade física dos cuidadores.

Em relação a prevalência dos entrevistados que possuíam animais de estimação, 8 (67,5%) responderam positivamente à pergunta sobre o desejo de receber a visita do seu pet durante o período de internação (02, 09, 10, 06 e 08, com ressalvas), conforme descrito na tabela 1. O paciente de número 08, afirmou: “gostaria da visita de um deles, pois os animais já fazem parte da família, mas não do outro, pois considero ele muito sapeca.”

Os entrevistados que não desejaram receber visitas dos próprios animais (1,4 e 7), justificaram a decisão devido ao animal ser da espécie felina e poder ficar assustado, necessidade de banho para adentrar ao hospital e ausência de condições pessoais de saúde para o adestramento de seu cão, exemplificado no trecho abaixo.

“Não, porque eles não são educados/adestrados. Se fossem adestrados até poderia ser, cachorro quando não é adestrado faz muita bagunça e eu no estado que estou não tem como acalmar (eles)”. (Paciente 07).

Ressalta-se que não foi mencionado aos entrevistados que seus animais de estimação precisariam de preparo específico de adestramento, higiene ou controle sanitário antes das visitas, o que poderia influenciar na decisão negativa. Contudo, para que um cão possa atuar como animal terapeuta, é necessário um manejo de saúde específico (Pereira *et al.*, 2017). Esses cuidados visam prevenir zoonoses, que são doenças transmissíveis de animais para humanos por meio de fezes, água ou alimentos contaminados, além do contato direto com animais infectados (Pal, Garedaghi, Tolawak, 2023).

Tabela 1: Caso a resposta anterior seja sim, você gostaria de receber a visita do seu animal de estimação? Por que?

Opção	Número de entrevistados	Justificativa
Deseja receber a visita do seu animal.	4	02, 09 e 10: sem justificativas. 06: “com certeza”.
Não deseja receber a visita do seu animal.	3	01: espécie felina. 04: manejo higiênico do animal. 07: ausência adestramento.
Deseja receber somente um dos animais que possui.	1	08: são parte da família, no entanto um é “sapeco”.

Fonte: elaborado pelos autores, 2024.

No que diz respeito a melhora no estado de ânimo após interagir com o cão (tabela 2), 9 participantes responderam positivamente. O paciente de número 05, por

outro lado, não respondeu diretamente “sim” ou “não”, mas comentou: “eu achei bem interessante, bem interessante mesmo. Uma coisa bem inesperada, né?!”.

Interações com animais de apoio emocional estão associadas a reduções na ansiedade e depressão em adultos com doença mental grave e a alterações bioquímicas, como aumento da ocitocina e diminuição do cortisol, o que apoia melhorias emocionais. Em ambientes hospitalares, também contribuem para o aprimoramento da comunicação e do humor dos pacientes, influenciando áreas cerebrais ligadas à emoção (Hoy-Gerlach *et al.*, 2022; Foster; Quinn, 2022; Liu, Lin, Lin, 2024).

Quando questionados sobre seu bem-estar, em uma escala de 0 a 10 (sendo 0 “nada bem” e 10 “muito bem”), 8 pacientes atribuíram nota 10 a vivência (01-06 e 08-09). O paciente 07, trazendo uma visão mais detalhada, avaliou a interação como 8,5, explicando que “é engraçado como um animal traz um ar diferente, uma coisa diferente”. Já o paciente 10 respondeu com um “8”, expressando uma experiência positiva, também apresentado na tabela 2.

Tabela 2: Em uma escala de 0 a 10, quão bem você se sentiu durante a interação com o cão e isso resultou em uma melhora no seu estado de ânimo?

Opção	Número de entrevistados	Justificativa/Não se aplica
Melhorou	9	01-04 e 06-10: Sim.
Não teve melhora	0	Não se aplica.
Outra resposta.	1	05: inesperado e interessante.
Notas 8 a 8,5.	2	07 e 10.
Notas 10.	8	01-06 e 08-09.

Fonte: elaborado pelos autores, 2024.

Respondendo à pergunta “você acredita que a presença do cão contribuiu para você se sentir melhor?”, os entrevistados destacaram principalmente emoções positivas, com ênfase na animação e felicidade (01, 04, 05 e 08), além de motivação (04, 05 e 07). A presença do cão foi considerada benéfica, pois transmitiu amor e carinho apenas com a ocupação do mesmo espaço (03, 04, 06, 07 e 09). Um número expressivo de participantes também classificou como interessante a visita (02, 05, e 08). Duas pessoas

(08 e 10) mencionaram que a presença do cão trouxe melhorias ao ambiente, tornando-o mais leve e descontraído (tabela 3).

“Sabe-se que cães são capazes de interagir com o ambiente no qual estão inseridos, sendo seus cuidadores uma extensão desse meio” (Rillo, 2006 *apud* Alves, 2019, p. 18). Ao desviar a atenção dos pacientes da dor e do desconforto associados ao tratamento, esses animais proporcionam momentos de alívio e relaxamento em um ambiente frequentemente marcado por tristeza e angústia (Squilasse; Squilasse Junior, 2018). Outros estudos comprovam que a presença de animais promove carinho e afetividade, especialmente durante períodos marcantes de recordações e narrativas de vida, como para idosos (Banfi *et al.*, 2023).

Tabela 3: A presença do cão contribuiu para você se sentir melhor?

Opção	Número de entrevistados	Justificativa/não se aplica
Sim.	10	Emoções positivas: 01, 04, 05 e 08. Motivação: 04, 05 e 07. O animal em si traz a melhoria: 03, 04, 06, 07 e 09. Melhorias no ambiente: 08 e 10. Interessante: 02, 05, 08.
Não.	0	Não se aplica.

Fonte: elaborado pelos autores, 2024.

Durante as entrevistas, diferentes indivíduos compartilharam com a entrevistadora que a presença dos cães trouxe um momento de descontração e integração nas unidades hospitalares, promovendo interação entre profissionais, pacientes e acompanhantes. Considerando o estresse constante a que são submetidos, especialmente os profissionais de enfermagem, estratégias de redução do mesmo são essenciais. Entre elas estão a liderança transformacional para fomentar um ambiente de apoio e recuperação (Pladdys, 2024), programas educacionais e de suporte para reduzir o estresse e promover a resiliência (Friganović; Rotim, 2024) e mudanças culturais organizacionais que priorizem o bem-estar e a equidade, abordando assim o esgotamento de forma sistêmica (He *et al.*, 2024). Abaixo, seguem alguns relatos dos pacientes.

“Eu achei assim, é uma coisa que muda no dia da gente, é um momento diferente de descontração.” (Paciente 05).

“Sim, muito bom, pelo menos nós ficamos felizes, demos risadas, bem interessante.” (Paciente 08).

“Sim, coloquei até uma mensagem né...O que eu gostaria de fazer quando saísse daqui... Eu falei: ter a saúde que esse cachorro tem (Paciente ri alto). Tá lá na bolsa a mensagem.” (Paciente 04).

Quando questionados sobre como descreveriam a visita do animal no hospital, os pacientes relataram novamente uma melhora significativa em seu estado emocional (01, 04, 06, 07, 08 e 10). As visitas foram descritas como “legais”, “importantes”, “ótimas” e “maravilhosas”, com muitos mencionando que ajudaram a levantar o “astral” e a oferecer um momento interessante, “motivante” e que tirou o foco de situações complicadas. Já para o paciente 9, a descrição da visita seria como algo inesperado.

“Uma visita maravilhosa, levantou o astral. Parece que o animal sente quando a gente tá triste, quando a gente tá feliz”. (Paciente 01).

“Eu não esperava a visita. Já tinha visto, mas não esperava. Foi coisa de TV. Uma coisa que a gente acha que estaria vendo na TV”. (Paciente 09).

Alguns (02 e 06) expressaram o desejo de compartilhar essa experiência com outras pessoas, evidenciando o impacto social positivo da atividade. O apreço pelos animais foi evidente, com pacientes manifestando seu amor pelos cães e ressaltando a especialidade de sua presença (01, 03, 07 e 10). Além disso, alguns pacientes ficaram positivamente surpreendidos pela raça do cão, especialmente por ser considerado pelos participantes como um American Pitbull Terrier (04 e 05).

Opção	Número de entrevistados	Justificativa/não se aplica
Sim.	10	Emoções positivas: 01, 04, 06, 07, 08, e 10. Presença do animal: 01, 03, 07 e 10. Contarão para outras pessoas: 02 e 06. Ser Pitbull: 04 e 05. Inesperado: 09.
Não.	0	Não se aplica.

Fonte: elaborado pelos autores, 2024

As semelhanças físicas do cão terapeuta com um American Pitbull Terrier inicialmente deixava alguns pacientes receosos ao primeiro contato, mas depois ficavam surpresos com a docilidade do animal, de acordo com as reações exemplificadas abaixo. O artigo de Duberstein, King e Johnson (2023), discute como os estereótipos em torno dos Pitbulls contribuem para a percepção negativa que a sociedade tem desses cães e a importância da redução do preconceito.

“Ahhh apareceu um cachorro no hospital, com um pessoal, que foi treinado. E tava lá. Bem legal. Um Pitbull! O Pitbull é um animal bem interessante.” (Paciente 04).

“Você nunca imagina! Mas eu achei muito legal, muito interessante, porque você vê um animal daquele tamanho de lacinho e super dócil.” (Paciente 05).

Ao serem questionados se gostariam de receber a visita do animal terapeuta novamente, houve uma resposta unânime positiva. Os pacientes demonstraram grande entusiasmo com a ideia, com frases como:

“Será sempre bem-vinda.” (Paciente 01).

“Claro que gostaria, quem não gosta?” (Paciente 03).

“Sim, com certeza. Seria um prazer.” (Paciente 06).

“Sim, tudo muito querido, animado, interessante.” (Paciente 10).

É fundamental reconhecer que nem todos os pacientes respondem positivamente às atividades assistidas por animais, e suas experiências prévias com animais desempenham um papel crucial nessa resposta. O medo de um estímulo pode se desenvolver mesmo na ausência de experiências diretas de perigo, seja por aprendizado indireto ou pela transmissão de informações negativas. Evitar estímulos temidos pode impedir que o paciente aprenda que o estímulo não representa uma ameaça real (Norberg *et al.*, 2023).

4 Conclusões

A interação com o cão terapeuta trouxe um ambiente mais leve e acolhedor, fortalecendo o vínculo entre profissionais de saúde, pacientes e acompanhantes. A análise qualitativa dos relatos revelou que a visita do cão foi percebida como um “alívio” emocional, desviando o foco dos pacientes das dificuldades da hospitalização. A maioria dos entrevistados relatou emoções positivas, como alegria e motivação, e destacou a

presença do cão como essencial para humanizar o ambiente hospitalar. Contudo, o estudo aponta a importância de critérios rigorosos na seleção de pacientes e animais. Reforça-se a necessidade de mais pesquisas que incentivem a implementação da TAA nos hospitais, com vistas à melhoria da qualidade de vida dos pacientes e também ao aperfeiçoamento do ambiente de cuidado. Com isso, a TAA se apresenta como uma intervenção complementar valiosa, com potencial para ampliar as abordagens terapêuticas de apoio emocional e psicológico a pacientes oncológicos.

Agradecimentos

Expressamos nossa gratidão à Moana, cão terapeuta, e à sua tutora, Giselle, por sua valiosa e voluntária contribuição ao desenvolvimento deste projeto. Manifestamos ainda nossos agradecimentos à Universidade do Planalto Catarinense (UNIPAC), especialmente ao corpo docente do curso de Enfermagem, pelo apoio e incentivo prestados. Nossa apreciação estende-se ao hospital da Serra Catarinense, que acolheu gentilmente nosso projeto. Por fim, agradecemos aos pacientes, acompanhantes e a todos que, de maneira direta ou indireta, contribuíram para a concretização deste projeto.

Referências

- ALVES, L. **Interação humano-animal: o apego interespecie**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia - Instituição Evangélica de Novo Hamburgo - Novo Hamburgo, 2019.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BANFI, E. *et al.* Análise crítica: relação homem-animal de companhia e o papel do médico veterinário. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc São Miguel do Oeste**, São Miguel do Oeste, v. 8, p. 1-4, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/apeusmo/article/view/33046/18557>. Acesso em: 08 jan. 2024.
- BUSSOTTI, E. A. *et al.* Assistência individualizada: “Posso trazer meu cachorro?”. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 195-201, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/5TssW7ZMQ87wMZ9kz66mJtK/>. Acesso em: 08 jan. 2024.
- CHUBAK, J. *et al.* Pilot study of therapy dog visits for inpatient youth with cancer. **Journal Of Pediatric Hematology/Oncology Nursing**, McLean, v. 34, n. 5, p. 331-341, 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28614971/>. Acesso em: 21 maio 2024.

COTOC, C.; AN, R.; KLONOFF-COHEN, H. Pediatric Oncology and Animal-Assisted Interventions. **Holistic Nursing Practice**, Urbana, v. 33, n. 2, p. 101-109, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30747779/>. Acesso em: 05 fev. 2024.

DUBERSTEIN, A.; KING, B.; JOHNSON, A. R. Pit bulls and prejudice. **APA PsycArticles: Journal Article**, Washington, v. 51, n. 2, p. 183–188, 2023. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2021-78179-001>. Acesso em: 28 out. 2024.

FOSTER, M. QUINN, M. Does a dog improve the mental well-being of patients and staff in a camhs hospital? **BJPsych Open**, Condado de Cambridge, v. 8, n. 1, p. 1, 2022. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9378041/>. Acesso em: 28 out. 2024.

FRIGANOVIC, A.; ROTIM, C. From research to action- can we prevent burnout in critical care?. **World Federation of Critical Care Nurses**, Brighton Le Sands, v. 18, n. 1, p. 1-4, jun, 2024. Disponível em: <https://wfccnijcc.com/index.php/ijcc/article/view/978/959>. Acesso em: 02 nov. 2024.

FUCHS, H. **O animal em casa - um estudo no sentido de des-velar o significado psicológico do animal de estimação**. 1987. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Psicologia, São Paulo, Brasil, 1987.

HE, B. What's moral distress got to do with it? how to avoid burnout and optimize patient care. **International Journal of Cancer Care and Delivery**, Washington v. 4, n. 1, p. 1-4, 2024. Disponível em: <https://journal.binayfoundation.org/article/94856-whats-moral-distress-got-to-do-with-it-how-to-avoid-burnout-and-optimize-patient-care>. Acesso em: 29 out. 2024.

HOY-GERLACH, J. *et al.* Exploring benefits of emotional support animals (ESAS): a longitudinal pilot study with adults with serious mental illness (SMI). **Human-Animal Interaction Bulletin**, Toledo, v. 10, n. 2, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2023-64380-001>. Acesso em: 29 out. 2024.

IAHAIO. **The IAHAIO definitions for Animal Assisted Intervention and Guidelines for Wellness of Animals Involved in AAI**, p. 11, 2018. Disponível em: https://iahaio.org/wp/wp-content/uploads/2018/04/iahaio_wp_updated-2018-final.pdf. Acesso em: 27 fev. 2024.

IRVINE, L.; CILIA, L. More-than-human families: Pets, people, and practices in multispecies households. **Sociology Compass**, Boulder, v. 11, n. 02, p. 01-13, 2017. Disponível em: <https://compass.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/soc4.12455>. Acesso em: 01 nov. 2024.

KOBAYASHI, C. T. *et al.* Desenvolvimento e implantação de terapia assistida por animais em hospital universitário. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 62, n. 4, p. 632-636, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/GjDXNChhKQxZdpPqqzn3qBs/#>. Acesso em: 14 abr. 2024.

LIU, H.; LIN, J.; LIN, W. Cognitive mechanisms and neurological foundations of companion animals' role in enhancing human psychological well-being. **Front Psychol**, Chengdu, v.15, p. 1-13, 2024. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11076790/>. Acesso em: 01 nov. 2024.

PAL, M.; GAREDAGHI, Y.; TOLAWAK, D. A comprehensive review on major zoonotic parasites from dogs and cats, **International Journal of Medical Parasitology and Epidemiology Sciences**, v. 4, n. 1, p. 3-11, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/371504041_A_Comprehensive_Review_on_Major_Zoonotic_Parasites_From_Dogs_and_Cats. Acesso em: 29 out. 2024.

PLADDYS, J. Mitigating Workplace Burnout Through Transformational Leadership and Employee Participation in Recovery Experiences. **HCA Healthcare Journal**, Rockville, v. 5, n. 3, p. 1-9, 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39015600/>. Acesso em: 01 nov. 2024.

NORBERG, M. M. *et al.* A review of the phenomenology, aetiology and treatment of animal phobia and insights for biophobia. **People And Nature**, Wharf Road, v. 6, p. 932–944, 2023. Disponível em: <https://besjournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/pan3.10514>. Acesso em: 09 mar. 2024.

NEPPS, P; STEWART, C; BRUCKNO, S. Animal-Assisted Activity: effects of a complementary intervention program on psychological and physiological variables. **Journal Of Evidence-Based Integrative Medicine**, Lancaster, v. 19, n. 3, p. 211-215, 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24789913/>. Acesso em: 09 abr. 2024.

PEREIRA, V. R. *et al.* Interação lúdica na atividade assistida por cães em pediatria. **Enfermagem em Foco**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 7-11, 2017. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/831>. Acesso em: 19 jan. 2024.

PINTO, K, D. *et al.* Animal Assisted Intervention for Oncology and Palliative Care Patients: A systematic review. **Complementary Therapies In Clinical Practice**, Rio de Janeiro, v. 43, p. 01-08, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33691267/>. Acesso em: 14 abr. 2024.

SQUILASSE, A. F.; SQUILASSE JUNIOR, F. T.; Intervenções Assistidas por Animais: considerações gerais. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, Paraíso, v. 16, n. 2 p. 30-35, 2018. Disponível em: <https://www.revistamvez-crmvsp.com.br/index.php/recmvz/article/view/37778>. Acesso em: 08 jan. 2024.